



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9696 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

NATUREZA, MULHERES E REPRODUÇÃO SOCIAL

Tamires Lopes Podewils - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Alana das Neves Pedruzzi - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

NATUREZA, MULHERES E REPRODUÇÃO SOCIAL

Resumo: O presente texto apresenta como temática central as relações entre natureza, mulheres e a Reprodução Social, a partir da ascensão do capitalismo. Como elemento orientador, elaborou-se a seguinte questão: Quais seriam as interconexões entre a violência contra a natureza, a violência contra as mulheres, o trabalho feminino não remunerado e a Educação Ambiental? Em termos metodológicos, a análise é de natureza teórica e sua organização analítica é guiada pela Leitura Imanente (LESSA, 2014), metodologia usual na filosofia marxista, onde a análise do texto é orientada pela leitura da totalidade sócio-histórica. Como forma organizacional, três objetivos foram elencados: i. Apresentar a Educação Ambiental a partir de uma perspectiva da ontologia materialista; ii. Dialogar sobre a relação entre natureza, mulheres e reprodução social na ascensão capitalista; iii. Engendrar, teoricamente, as exigências da atualidade no sentido de localizar as potências da Educação Ambiental ainda hoje. Como principais resultados, apresenta-se que, a Educação Ambiental como orientadora da práxis social, se quiser orientar no sentido da transformação da sociedade vigente deve buscar auxílio nas Filosofias Emergentes, como forma de compreender a amplitude das problemáticas da sociedade atual.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ontologia materialista; Filosofias Emergentes.

1. Emergências da atualidade

Segundo o MapBiomias Alerta, durante o ano de 2020 foram derrubadas vinte e quatro árvores por segundo no Brasil. Entre novembro de 2018 e abril de 2021 foram desmatados quase três milhões de hectares (2.923.267 ha), sendo que destes quase um milhão de hectares (974.797 ha) foi desmatado em território indígena, quilombos e assentamentos. (MAPBIOMAS, 2021). O número de feminicídios durante o ano de 2019 foi de 1.326, sendo que 66,6% das mulheres assassinadas eram negras e, no mesmo período, 58,9% dos feminicídios foram cometidos no ambiente doméstico. A média de homicídios que receberam o *feminicídio* como qualificador ainda é baixa, pois entre os anos de 2018 e 2019 uma mulher foi assassinada a cada duas horas no Brasil. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020). No Brasil, 85% do trabalho de cuidado é realizado de maneira informal e não remunerada por mulheres e meninas – em uma análise mundial, isso significa 12,5 bilhões de horas de trabalho não remunerado, o que se traduz em mais de 10 trilhões de dólares de trabalho não pago (OXFAM, 2020).

As informações descritas no parágrafo anterior, dependendo da perspectiva analítica utilizada, aparecem como tendo entre si apenas o país de origem como elo. Quais seriam as outras possíveis interconexões entre a violência contra a natureza (representada, no exemplo acima, pelo desmatamento), a violência contra as mulheres, o trabalho feminino não remunerado e a Educação Ambiental? Esta será, portanto, a problemática orientadora deste texto. Em termos metodológicos, esta análise é de natureza teórica e sua organização analítica é guiada pela Leitura Imanente (LESSA, 2014), metodologia usual na filosofia marxista, onde a análise do texto em estudo é orientada pela leitura da totalidade sócio-histórica. Como forma organizacional, três objetivos foram elencados: i. Apresentar a Educação Ambiental a partir de uma perspectiva da ontologia materialista; ii. Dialogar sobre a relação entre natureza, mulheres e reprodução social na ascensão capitalista; iii. Engendrar, teoricamente, as exigências da atualidade no sentido de localizar as potências da Educação Ambiental ainda hoje.

Para tanto, o escrito está organizado em quatro tópicos textuais. Este primeiro tópico, nomeado como *Emergências da atualidade* a título introdutório; o segundo intitulado *A Educação Ambiental como orientadora da práxis humana*, como forma de apresentar a Educação Ambiental a partir da perspectiva da ontologia materialista de György Lukács (2013); o terceiro tópico *A natureza, as mulheres e a Reprodução Social sob o capitalismo*, onde é elaborado o elo entre os elementos centrais da discussão e a Educação Ambiental; e o último tópico textual, *Exigências da atualidade: A Educação Ambiental e as Filosofias Emergentes* elaborado como uma conclusão que aponta a necessidade de sequência da pesquisa, no sentido de seguir construindo os fundamentos da Educação Ambiental brasileira.

2. A Educação Ambiental como orientadora da práxis humana

A Educação Ambiental produz – ou, ao menos, almeja produzir – conhecimentos que possam incidir sobre os pores socioteleológicos (PODEWILS, 2019). Os pores socioteleológicos para Lukács (2013) podem ser descritos como qualquer ação humana (práxis social) que tenha em si objetivos, planejamento e possibilidades de escolha no momento da ação. Tanto o planejamento para alcançar determinado objetivo posto, quanto a escolha de como realizar a ação planejada é sempre orientada por conhecimentos – dos mais diversos, científicos, filosóficos, estéticos, populares, mágicos ou religiosos.

Isto posto, é possível afirmar que a Educação Ambiental, como área do conhecimento, pode ser compreendida como um dos complexos sociais (LUKÁCS, 2013) que se tornam, pela sua natureza educativa, orientadores da práxis social. Tal configuração aponta para uma necessidade premente de autocrítica e renovação dos aspectos que compõe aquilo que convencionou-se chamar de Fundamentos da Educação Ambiental, uma subárea que se ocupa de desenvolver o âmbito dos conhecimentos que emergem da sociedade em forma de questionamento e a ela devem retornar, em forma de práxis social.

Portanto, se aceitas as premissas de que a Educação Ambiental possui, a partir de sua natureza ambientalmente educativa, a possibilidade de orientar a ação humana e, que toda ação humana incide sobre a totalidade social e, por consequência impacta nos processos de reprodução social, é possível afirmar que a Educação Ambiental necessita conhecer os processos que engendram os movimentos sócio-históricos para que produza conhecimentos que possam orientar a ação humana para construção de uma sociedade social e ambientalmente salutar. Esta é a proposta para o próximo tópico textual, empreender um diálogo sobre o cercamento da natureza, do corpo das mulheres e sua submissão ao capitalismo nascente, mostrando uma das possíveis análises sobre a sociedade capitalista vigente.

3. A Natureza, as mulheres e a Reprodução Social sob o capitalismo

Assumindo as premissas postas anteriormente, torna-se imprescindível elucidar as características do modelo societário atual. Tal necessidade, invariavelmente, se alimenta da afirmação lukacsiana de que há um movimento incessante de pergunta e resposta entre sociedade e natureza (LUKÁCS, 2013). A cada novo modelo societário – a cada nova perspectiva ontológica – os questionamentos emergentes, os conhecimentos necessários e a consequente práxis, serão diversos. Isso se deve ao simples fato de que estamos, a todo momento, transformando a natureza, a sociedade e a nós mesmos.

Para Marx e Engels (2007, p.43) “[...] as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias.”, ou seja, as relações estabelecidas entre seres humanos e destes com a natureza, são resultado da realidade material, historicamente desenvolvida. No entanto, na mesma medida em que as circunstâncias produzem os seres humano enquanto seres sociais, dotados de possibilidade de planejar, estabelecer objetivos e agir, estes também podem modificar as circunstâncias em que se encontram.

Com o advento da Revolução Francesa em 1789 – numa leitura ocidental – se institui, politicamente, o modelo capitalista, tanto como modo de produção quanto de reprodução da vida em sociedade. O aparato institucional criado para a manutenção desse novo modelo societário é o Estado Democrático de Direitos, que emerge sob o discurso de assegurar o lema revolucionário de “liberdade, igualdade e fraternidade”. Todavia, em essência, tem como função garantir e proteger as condições gerais de extração de trabalho excedente para o desenvolvimento do mais valor, pela burguesia.

A ascensão da burguesia, aparentemente, se efetiva pela derrocada do feudalismo e queda da monarquia. No entanto, como mostra Silvia Federici em sua obra *O Calibã e a Bruxa*, de 2004, publicada no Brasil apenas em 2017, são vários os elementos que projetam a ascensão do Capital. Um dos sustentáculos do capitalismo, os *cercamentos*, a privatização da terra, pauperiza a classe trabalhadora. Como derivação desse processo, o *colonialismo* – outro processo de privatização, expropriação, dominação e extermínio de povos originários – é uma das marcas fulcrais da ascensão capitalista. Aliado ao movimento colonialista há o decurso da *escravização*, que configurou calamidade societária às sociedades africanas e indígenas, que transformadas em mercadoria, foram minorizadas em sua humanidade.

Por último, o movimento da *inquisição* configurou com maestria o controle sobre a Reprodução Social, em especial, sobre as mulheres. As mulheres, que na idade média, tinham controle sobre a natalidade, conhecimento sobre a natureza e viviam, muitas vezes, em configurações sociais distintas daquilo que convencionou-se chamar família, foram severamente atacadas. Sob a alcunha de bruxas, as mulheres que tinham tais conhecimentos, que sofreram severamente com os cercamentos, ou que não aceitavam a imposição de sua domesticação, foram condenadas à morte (FEDERICI, 2017). Os quatro pilares que fundam a sociedade capitalista – cercamentos; colonialismo; escravização e; inquisição – foram perpetrados pelo Estado, que sem delongas apresenta sua configuração de comitê executivo da burguesia.

O domínio sobre a natureza, instituído a partir dos cercamentos dos espaços comuns é um dos elementos que, para o viés da Educação Ambiental, pode ser o mais marcante. É a partir do princípio de cercar aquilo que é de uso comum das comunidades, principalmente de uso das mulheres, que produziavam a reprodução da vida de forma coletiva (FEDERICI, 2017), que a natureza se torna algo a serviço do ser humano e não parte de sua vida orgânica.

As mulheres que possuem em sua natureza orgânica o poder de produzir novos trabalhadores, para alimentar a mão de obra, necessária à acumulação capitalista; a natureza, que modificada pelo trabalho humano produz riqueza, necessária à acumulação capitalista; e o trabalho feminino não remunerado, o cuidado e a educação das crianças, o trabalho doméstico

e sexual, necessário para manutenção do homem trabalhador, acabam se tornando peças fundamentais para a sustentação do novo modelo produtivo que ascendia após o feudalismo (FEDERICI, 2017).

A dominação da natureza, das mulheres e a Reprodução Social feita pelo trabalho feminino não remunerado, foram – e seguem como – sustentáculos do capitalismo. O capital como modo de vida, instaurado pelo ideário de liberdade, igualdade e fraternidade, se apresenta hoje como um modelo produtivo que depende da degradação ambiental, da submissão das mulheres e da violência como marca da colonização (CÉSAIRE, 2020), contra povos tradicionais, pessoas negras, mulheres, LGBTQIA+. Esses elementos, entres outros, certamente, são essenciais à manutenção do *status quo*. Conhecê-los é o primeiro passo na direção de construir conhecimentos que possam transformar, não apenas o capitalismo como modelo produtivo, mas todo o seu ideário social, de dominação, destruição e violência, que já fazem parte das relações sociais, como se naturais fossem.

4. Exigências da atualidade: A Educação Ambiental e as Filosofias Emergentes

Pautou-se inicialmente, para servir de guia neste escrito, a seguinte questão: *Quais seriam possíveis interconexões entre a violência contra a natureza, a violência contra as mulheres, o trabalho feminino não remunerado e a Educação Ambiental?* De maneira imediata, é possível afirmar que a interconexão entre estes elementos é o sistema capitalista e as formas como este depende de tais formas de relação para sua manutenção. Mas, para além dos resultados da pesquisa teórica desenvolvida e aqui apresentada, este tópico apresenta considerações para a caminhada da Educação Ambiental brasileira.

A Educação Ambiental, se quiser produzir conhecimentos úteis à transformação social, via orientação dos pores socioteleológicos, necessita de uma autocrítica constante, bem como o constante desenvolvimento de seus fundamentos. Compreender-se como uma área do conhecimento que orienta a ação humana – e entender que toda ação humana impacta a totalidade da produção e Reprodução Social; compreender a ascensão capitalista e sua necessária dominação da natureza e das mulheres, são elementos essenciais para uma Educação Ambiental que se proponha crítica ou transformadora.

Como orientadora da práxis social a Educação Ambiental pode buscar auxílio nas Filosofias Emergentes, para que suas análises não fiquem restritas a uma só perspectiva. Há que se pensar também, nas Filosofias Emergentes como uma das formas de contraposição às filosofias universalistas, de dominação da natureza e soberania humana. Portanto, compreender como o atual modelo societário emergiu da sociedade feudal, pode auxiliar não apenas na análise da atualidade, mas apontar direcionamentos para sua transformação.

Referências

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LESSA, Sergio. **O revolucionário e o estudo - Por que não estudamos?** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. Tradução: Nélio Schneider; Ivo Tonet; Ronaldo V. Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

PODEWILS, Tamires Lopes. **Educação Ambiental como complexo orientador da práxis humana: uma análise a partir de György Lukács**. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Rio Grande, 2019. Disponível em: <https://argo.furg.br/?BDTD12236>. Acesso em: 13 de junho de 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 10/06/2021.

MAPBIOMAS, Rede. **Relatório anual do desmatamento no Brasil**. 2021. Disponível em: <http://alerta.mapbiomas.org/>. Acesso em: 10/06/2021.

OXFAM, Brasil. **Tempo de cuidar** – o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/.../forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar> Acesso em: 10/06/2021.